



Foto Cristo: Nilo Lima

DIACÔNIO

Órgão Informativo da CRD-Leste 1 – 28ª Edição: Fevereiro 2016

Veja nesta edição



Formação

Audiências do
Papa Bento XVI

O bom senso da fé em Deus
Pag. 6, 7 e 8



Mensagem do Santo Padre para a Quaresma de 2016

«Prefiro a misericórdia ao
sacrifício» (Mt 9, 13).

As obras de misericórdia no
caminho jubilar»

Pag. 2, 3, 4 e 5



Comissão Nacional dos
Diáconos

•CND divulga o
Planejamento de 2016
Pag. 9 e 10



Comissão Nacional dos
Diáconos



Diocese de Nova Iguaçu
"A missão da Diocese continua"

**Diáconos, servos da
Misericórdia?**
Jornal Caminhando
Pag. 11



Diocese de Nova Iguaçu
"A missão da Diocese continua"

Vaticano: Novo livro do Papa chega às bancas – Pag. 12 e 13



Mensagem do Santo Padre Francisco para a Quaresma de 2016 Tema: «“Prefiro a misericórdia ao sacrifício” (Mt 9, 13). As obras de misericórdia no caminho jubilar»

•Cidade do Vaticano (RV) - Leia na íntegra a mensagem do Papa Francisco para a Quaresma 2016:

•«“Prefiro a misericórdia ao sacrifício” (Mt 9, 13). As obras de misericórdia no caminho jubilar»



•1. Maria, ícone duma Igreja que evangeliza porque evangelizada

•Na Bula de proclamação do Jubileu, fiz o convite para que «a Quaresma deste Ano Jubilar seja vivida mais intensamente como tempo forte para celebrar e experimentar a misericórdia de Deus» (Misericordiæ Vultus, 17). Com o apelo à escuta da Palavra de Deus e à iniciativa «24 horas para o Senhor», quis sublinhar a primazia da escuta orante da Palavra, especialmente a palavra profética. Com efeito, a misericórdia de Deus é um anúncio ao mundo; mas cada cristão é chamado a fazer pessoalmente experiência de tal anúncio. Por isso, no tempo da Quaresma, enviarei os Missionários da Misericórdia a fim de

Missionários da Misericórdia a fim de serem, para todos, um sinal concreto da proximidade e do perdão de Deus.

•Maria, por ter acolhido a Boa Notícia que Lhe fora dada pelo arcanjo Gabriel, canta profeticamente, no Magnificat, a misericórdia com que Deus A destinou. Deste modo a Virgem de Nazaré, prometida esposa de José, torna-se o ícone perfeito da Igreja que evangeliza porque foi e continua a ser evangelizada por obra do Espírito Santo, que fecundou o seu ventre virginal. Com efeito, na tradição profética, a misericórdia aparece estreitamente ligada – mesmo etimologicamente – com as vísceras maternas (rahamim) e com uma bondade generosa, fiel e compassiva (hesed) que se vive no âmbito das relações conjugais e parentais.

•2. A aliança de Deus com os homens: uma história de misericórdia

•O mistério da misericórdia divina desvenda-se no decurso da história da aliança entre Deus e o seu povo Israel. Na realidade, Deus mostra-Se sempre rico de misericórdia, pronto em qualquer circunstância a derramar sobre o seu povo uma ternura e uma compaixão viscerais, sobretudo nos momentos mais dramáticos quando a infidelidade quebra o vínculo do Pacto e se requer que a aliança seja ratificada de maneira mais estável na justiça e na verdade. Encontramo-nos aqui perante um verdadeiro e próprio drama de amor, no qual Deus desempenha o



papel de pai e marido traído, enquanto Israel desempenha o de filho/filha e esposa infiéis. São precisamente as imagens familiares – como no caso de Oseias (cf. Os 1-2) – que melhor exprimem até que ponto Deus quer ligar-Se ao seu povo.

•Este drama de amor alcança o seu ápice no Filho feito homem. N'Ele, Deus derrama a sua misericórdia sem limites até ao ponto de fazer d'Ele a Misericórdia encarnada (cf. *Misericordiæ Vultus*, 8). Na realidade, Jesus de Nazaré enquanto homem é, para todos os efeitos, filho de Israel. E é-o ao ponto de encarnar aquela escuta perfeita de Deus que se exige a cada judeu pelo *Shemà*, fulcro ainda hoje da aliança de Deus com Israel: «Escuta, Israel! O Senhor é nosso Deus; o Senhor é único! Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças» (Dt 6, 4-5). O Filho de Deus é o Esposo que tudo faz para ganhar o amor da sua Esposa, à qual O liga o seu amor incondicional que se torna visível nas núpcias eternas com ela.

•Este é o coração pulsante do querigma apostólico, no qual ocupa um lugar central e fundamental a misericórdia divina. Nele sobressai «a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado» (*Evangelii gaudium*, 36), aquele primeiro anúncio que «sempre se tem de voltar a ouvir de diferentes maneiras e aquele que sempre se tem de voltar a anunciar, duma forma ou doutra, durante a catequese» (*Ibid.*, 164). Então a Misericórdia «exprime o comportamento de Deus para com o pecador, oferecendo-lhe uma nova

possibilidade de se arrepender, converter e acreditar» (*Misericordiæ Vultus*, 21), restabelecendo precisamente assim a relação com Ele. E, em Jesus crucificado, Deus chega ao ponto de querer alcançar o pecador no seu afastamento mais extremo, precisamente lá onde ele se perdeu e afastou d'Ele. E faz isto na esperança de assim poder finalmente comover o coração endurecido da sua Esposa.

•3. As obras de misericórdia

•A misericórdia de Deus transforma o coração do homem e faz-lhe experimentar um amor fiel, tornando-o assim, por sua vez, capaz de misericórdia. É um milagre sempre novo que a misericórdia divina possa irradiar-se na vida de cada um de nós, estimulando-nos ao amor do próximo e animando aquilo que a tradição da Igreja chama as obras de misericórdia corporal e espiritual. Estas recordam-nos que a nossa fé se traduz em actos concretos e quotidianos, destinados a ajudar o nosso próximo no corpo e no espírito e sobre os quais havemos de ser julgados: alimentá-lo, visitá-lo, confortá-lo, educá-lo. Por isso, expressei o desejo de que «o povo cristão reflecta, durante o Jubileu, sobre as obras de misericórdia corporal e espiritual. Será uma maneira de acordar a nossa consciência, muitas vezes adormecida perante o drama da pobreza, e de entrar cada vez mais no coração do Evangelho, onde os pobres são os privilegiados da misericórdia divina» (*Ibid.*, 15). Realmente, no pobre, a carne de Cristo «torna-se de novo visível como corpo martirizado, chagado, flagelado, desnutrido, em fuga... a fim de ser reconhecido, tocado



DIACÔNIO

A Palavra do Papa

e assistido cuidadosamente por nós» (Ibid., 15). É o mistério inaudito e escandaloso do prolongamento na história do sofrimento do Cordeiro Inocente, sarça ardente de amor gratuito na presença da qual podemos apenas, como Moisés, tirar as sandálias (cf. Ex 3, 5); e mais ainda, quando o pobre é o irmão ou a irmã em Cristo que sofre por causa da sua fé.

•Diante deste amor forte como a morte (cf. Ct 8, 6), fica patente como o pobre mais miserável seja aquele que não aceita reconhecer-se como tal. Pensa que é rico, mas na realidade é o mais pobre dos pobres. E isto porque é escravo do pecado, que o leva a utilizar riqueza e poder, não para servir a Deus e aos outros, mas para sufocar em si mesmo a consciência profunda de ser, ele também, nada mais que um pobre mendigo. E quanto maior for o poder e a riqueza à sua disposição, tanto maior pode tornar-se esta cegueira mentirosa. Chega ao ponto de não querer ver sequer o pobre Lázaro que mendiga à porta da sua casa (cf. Lc 16, 20-21), sendo este figura de Cristo que, nos pobres, mendiga a nossa conversão. Lázaro é a possibilidade de conversão que Deus nos oferece e talvez não vejamos. E esta cegueira está acompanhada por um soberbo delírio de onipotência, no qual ressoa sinistramente aquele demoníaco «sereis como Deus» (Gn 3, 5) que é a raiz de qualquer pecado. Tal delírio pode assumir também formas sociais e políticas, como mostraram os totalitarismos do século XX e mostram hoje as ideologias do pensamento único e da tecnociência que pretendem tornar Deus irrelevante e reduzir o

homem a massa possível de instrumentalizar. E podem atualmente mostrá-lo também as estruturas de pecado ligadas a um modelo de falso desenvolvimento fundado na idolatria do dinheiro, que torna indiferentes ao destino dos pobres as pessoas e as sociedades mais ricas, que lhes fecham as portas recusando-se até mesmo a vê-los.

•Portanto a Quaresma deste Ano Jubilar é um tempo favorável para todos poderem, finalmente, sair da própria alienação existencial, graças à escuta da Palavra e às obras de misericórdia. Se, por meio das obras corporais, tocamos a carne de Cristo nos irmãos e irmãs necessitados de ser nutridos, vestidos, alojados, visitados, as obras espirituais tocam mais diretamente o nosso ser de pecadores: aconselhar, ensinar, perdoar, admoestar, rezar. Por isso, as obras corporais e as espirituais nunca devem ser separadas. Com efeito, é precisamente tocando, no miserável, a carne de Jesus crucificado que o pecador pode receber, em dom, a consciência de ser ele próprio um pobre mendigo. Por esta estrada, também os «soberbos», os «poderosos» e os «ricos», de que fala o Magnificat, têm a possibilidade de aperceber-se que são, imerecidamente, amados pelo Crucificado, morto e ressuscitado também por eles. Somente neste amor temos a resposta àquela sede de felicidade e amor infinitos que o homem se ilude de poder colmar mediante os ídolos do saber, do poder e do possuir. Mas permanece sempre o perigo de que os soberbos, os ricos e os poderosos – por causa de um



DIACÔNIO

Aa Palavra do Papa

• fechamento cada vez mais hermético a Cristo, que, no pobre, continua a bater à porta do seu coração – acabem por se condenar precipitando-se eles mesmos naquele abismo eterno de solidão que é o inferno. Por isso, eis que ressoam de novo para eles, como para todos nós, as palavras veementes de Abraão: «Têm Moisés e o Profetas; que os oiçam!» (Lc 16, 29). Esta escuta activa preparar-nos-á da melhor maneira para festejar a vitória definitiva sobre o pecado e a morte conquistada pelo Esposo já ressuscitado, que deseja purificar a sua prometida Esposa, na expectativa da sua vinda.

• Não percamos este tempo de Quaresma favorável à conversão! Pedimo-lo pela intercessão materna da Virgem Maria, a primeira que, diante da grandeza da misericórdia divina que Lhe foi concedida gratuitamente, reconheceu a sua pequenez (cf. Lc 1, 48), confessando-Se a humilde serva do Senhor (cf. Lc 1, 38).

• Vaticano, 4 de Outubro de 2015

• Festa de S. Francisco de Assis - [Franciscus]

• Fonte: http://br.radiovaticana.va/news/2016/01/26/mensagem_do_papa_para_a_quaresma_2016/1203737



Expediente Diacônio

Órgão Informativo da CRD-Leste I - (28ª Edição – Fevereiro 2016)

Dom Luiz Henrique da Silva Brito – Bispo auxiliar do Rio de Janeiro / Acompanhante dos Diác. Leste 1

Presidente: Diac Aristides Zandonai - a_zandonai@yahoo.com.br

Vice Presidente: Diac. Adahil Rodrigues de Moraes - adahilss@hotmail.com

Secretário: Diac. Jorgemar Lemis - lemosjorgemar@yahoo.com.br

Tesoureiro: Diac. Jorge Francisco Jorge - jorgefjorge@bol.com.br

Relações Públicas: Diac. Marco Carvalho - m.marco.carvalho@gmail.com

Criação/Montagem do informativo: Diac. Marco Carvalho



DIACÔNIO

Formação

Audiências Papa Bento XVI

•**21-Nov. - O bom senso da fé em Deus**

•*Estimados irmãos e irmãs*

•Caminhemos em frente neste Ano da fé, levando no nosso coração a esperança de redescobrir quanta alegria existe em crer e em reencontrar o entusiasmo de comunicar a todas as verdades da fé. Estas verdades não constituem uma simples mensagem acerca de Deus, uma informação particular sobre Ele. Ao contrário, exprimem o acontecimento do encontro de Deus com os homens, encontro salvífico e libertador, que realiza as aspirações mais profundas do homem, os seus anseios de paz, de fraternidade e de amor. A fé leva a descobrir que o encontro com Deus valoriza, aperfeiçoa e eleva aquilo que existe de verdadeiro, de bom e de belo no homem. Assim acontece que, enquanto Deus se revela e se deixa conhecer, o homem descobre quem é Deus e, conhecendo-o, descobre-se a si mesmo, a própria origem, o seu destino, a grandeza e a dignidade da vida humana.

•A fé permite um saber autêntico sobre Deus, que abrange toda a pessoa humana: é um “saber”, ou seja de um conhecer que confere sabor à vida, um novo gosto de existir, um modo jubiloso de estar no mundo. A fé manifesta-se no dom de si pelos outros, na fraternidade que torna o homem solidário, capaz de amar, vencendo a solidão que o torna triste. Por isso, este conhecimento de Deus através da fé não é unicamente intelectual, mas vital. É o conhecimento de Deus-Amor, graças ao seu próprio amor. Além disso, o amor de Deus faz ver, abre os olhos, permite conhecer toda a realidade, para além das perspectivas limitadas do individualismo e do subjetivismo que desorientam as consciências. Por isso, o conhecimento de Deus é experiência de fé e implica, ao mesmo tempo, um caminho intelectual e moral: tocados profundamente pela presença do Espírito de Jesus em nós, ultrapassamos os horizontes dos nossos egoísmos e abrimo-nos aos verdadeiros valores da existência.

•Hoje, nesta catequese, gostaria de meditar sobre o bom senso da fé em Deus. Desde os primórdios, a tradição católica rejeitou o chamado fideísmo, que é a vontade de crer contra a razão. *Credo quia absurdum* (creio, porque é absurdo) não é uma fórmula que interpreta a fé católica. Com efeito, Deus não é absurdo, eventualmente é mistério. O mistério por sua vez não é irracional, mas superabundância de sentido, de significado, de verdade. Se, olhando para o mistério, a razão vê obscuridade, não é porque no mistério não haja luz, mas sobretudo porque há demasiada. Assim como quando o olhar do homem se volta diretamente para o sol, só vê trevas; mas quem diria que o sol não é luminoso, aliás, a fonte da luz? A fé permite olhar para o «sol», Deus, porque é acolhimento da sua revelação na história e, por assim dizer, recebe verdadeiramente toda a luminosidade do mistério de Deus, reconhecendo o grande milagre: Deus aproximou-se do homem, ofereceu-se ao seu conhecimento, condescendendo com o limite criatural da sua razão (cf. Concílio Ecuménico Vaticano II, Constituição dogmática Dei Verbum, 13). Ao mesmo tempo Deus, com a sua graça, ilumina a razão, abre-lhe horizontes novos, incomensuráveis e infinitos. Por isso, a fé constitui um estímulo a procurar sempre, a nunca parar nem se contentar com a descoberta inesgotável da verdade e da realidade. É falso o preconceito de certos pensadores modernos, segundo os quais a razão humana seria como que bloqueada pelos dogmas da 6



DIACÔNIO

Formação

Audiências Papa Bento XVI

fé. É verdade precisamente o contrário, como os grandes mestres da tradição católica demonstraram. Antes da sua conversão, santo Agostinho procura a verdade com grande inquietação, através de todas as filosofias disponíveis, julgando-as todas insatisfatórias. A cansativa busca racional é para ele uma pedagogia significativa para o encontro com a Verdade de Cristo. Quando diz: «compreende para crer, e crê para compreender» (*Discurso* 43, 9: *PL* 38, 258), é como se narrasse a própria experiência de vida. Diante da Revelação divina, intelecto e fé não são alheios nem antagonistas, mas ambos são condições para compreender o sentido da mesma, para acolher a sua mensagem autêntica, aproximando-se do limiar do mistério. Juntamente com muitos outros autores cristãos, santo Agostinho é testemunha de uma fé que se exerce com a razão, que pensa e convida a pensar. Neste sulco, santo Anselmo dirá no seu *Proslogion* que a fé católica é *fides quaerens intellectum*, onde o procurar a inteligência é um ato interior do crer. Será principalmente são Tomás de Aquino — fortalecido por esta tradição — que se confrontará com a razão dos filósofos, mostrando quanta vitalidade racional nova e fecunda deriva para o pensamento humano da inserção dos princípios e das verdades da fé cristã.

•Portanto, a fé católica é razoável e nutre confiança também na razão humana. Na Constituição dogmática *Dei Filius*, o Concílio Vaticano I afirmou que a razão é capaz de conhecer com certeza a existência de Deus através do caminho da criação, enquanto à fé pertence só a possibilidade de conhecer «facilmente, com certeza absoluta e sem erro» (ds 3005) as verdades que dizem respeito a Deus, à luz da graça. Além disso, o conhecimento da fé não é contrário à reta razão. Com efeito, na Encíclica *Fides et ratio*, o Beato Papa João Paulo II resume assim: «A razão do homem não é anulada nem humilhada, quando presta assentimento aos conteúdos de fé; é que estes são alcançados por decisão livre e consciente» (n. 43). No desejo irresistível de verdade, somente uma relação harmoniosa entre fé e razão é o caminho recto que conduz a Deus e ao pleno cumprimento de si mesmo.



Esta doutrina é facilmente reconhecível em todo o Novo Testamento. Como ouvimos, escrevendo aos cristãos de Corinto, são Paulo afirma: «Os judeus pedem milagres, os gregos reclamam a sabedoria; mas nós pregamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os pagãos» (*1 Cor* 1, 22-23). Com efeito, Deus salvou o mundo não com um gesto de poder, mas mediante a humilhação do seu Filho unigênito: segundo os parâmetros humanos, a modalidade insólita atuada por Deus não condiz com as exigências da sabedoria grega.



DIACÔNIO

Formação

E no entanto, a Cruz de Cristo tem uma sua razão, que são Paulo chama: *ho lógos tou staurou*, “a palavra da cruz” (1 Cor 1, 18). Aqui, o termo *lógos* indica tanto a palavra como a razão e, se alude à palavra, é porque expressa verbalmente o que a razão elabora. Portanto, Paulo vê na Cruz não um acontecimento irracional, mas um acontecimento salvífico que possui um seu bom senso reconhecível à luz da fé. Ao mesmo tempo, ele tem tanta confiança na razão humana, a ponto de se admirar pelo facto de que muitos, mesmo vendo as obras realizadas por Deus, se obstinam a não acreditar n’Ele. Na *Carta aos Romanos* diz: «Com efeito, as... perfeições invisíveis [de Deus], o seu poder e divindade sempiternos, tornam-se visíveis à inteligência, através das suas obras» (1, 20). Assim, também são Pedro exorta os cristãos da diáspora a adorar «Cristo Senhor nos vossos corações. Estai sempre prontos a responder, para a vossa defesa, a todo aquele que vos perguntar a razão da vossa esperança» (1 Pd 3, 15). Num clima de perseguição e de forte exigência de testemunhar a fé, aos fiéis pede-se que justifiquem com motivações fundadas a sua adesão à palavra do Evangelho, que expliquemos a razão da nossa esperança.

•É nestas premissas acerca do nexos fecundo entre compreender e crer que se funda inclusive a relação virtuosa entre ciência e fé. Como vemos, a pesquisa científica leva ao conhecimento de verdades sempre novas sobre o homem e o cosmos. O verdadeiro bem da humanidade, acessível na fé, abre o horizonte no qual se deve mover o seu caminho de descoberta. Portanto devem ser encorajadas, por exemplo, as investigações postas ao serviço da vida, que visam debelar as enfermidades. São importantes também as pesquisas destinadas a descobrir os segredos do nosso planeta e do universo, na consciência de que o homem está no ápice da criação não para a explorar insensatamente, mas para a preservar e tornar habitável. Assim a fé, vivida realmente, não entra em conflito com a ciência, aliás, coopera com ela, oferecendo critérios basilares a fim de que promova o bem de todos, pedindo-lhe que renuncie apenas àquelas tentativas que — opondo-se ao desígnio originário de Deus — podem produzir efeitos que se voltam contra o próprio homem. Também por isso é razoável acreditar: se a ciência é uma aliada preciosa da fé para a compreensão do desígnio de Deus no universo, a fé permite que o progresso científico se realize sempre para o bem e para a verdade do homem, permanecendo fiel a este mesmo desígnio.

•Eis por que motivo é decisivo para o homem abrir-se à fé e conhecer Deus e o seu desígnio de salvação em Jesus Cristo. No Evangelho é inaugurado um novo humanismo, uma autêntica «gramática» do homem e de toda a realidade. O *Catecismo da Igreja Católica* afirma: «A verdade de Deus é a sua sabedoria, que comanda toda a ordem da criação e governo do mundo. Só Deus que, sozinho, “criou o céu e a terra” (Sl 115, 15), pode dar o conhecimento verdadeiro de todas as coisas criadas na sua relação com Ele» (n. 216).

•Então, confiamos que o nosso compromisso na evangelização ajuda a dar uma renovada centralidade ao Evangelho na vida de muitos homens e mulheres do nosso tempo. E oremos a fim de que todos voltem a encontrar em Cristo o sentido da existência e o fundamento da verdadeira liberdade: com efeito, sem Deus o homem perde-se a si próprio. Os testemunhos de quantos nos precederam e dedicaram a sua vida ao Evangelho confirmam-no para sempre. Crer é razoável, está em jogo a nossa existência. Vale a pena despender-se por Cristo, o único que sacia os desejos de verdade e de bem arraigados na alma de cada homem: agora, no tempo que passa, e no dia sem ocaso da Eternidade bem-aventurada. 8



CND divulga o Planejamento de 2016

COMISSÃO NACIONAL DE DIÁCONOS

•PLANEJAMENTO 2016

•XIV Encontro Nacional de Diretores e Formadores de Escolas Diaconais (de 30 de maio a 02 de junho de 2016, em Palmas, Tocantins)

Tem por objetivo:

- 1) Ampliar cada vez mais a competência para o adequado desempenho do ministério diaconal.
- 2) Formar diáconos para atuar nas novas fronteiras da missão.
- 3) Preparar os diáconos para atuar numa Igreja em saída em missão.

Justificativa:

A partir do Documento de Aparecida, das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2015 2019), da Exortação Apostólica Evangelii Gaudium – A Alegria do Evangelho, capacitar os formadores para conduzir a formação dos futuros diáconos, buscando uma unidade na formação e construção da identidade diaconal.

Estratégias:

- 1) Definição de um plano de formação com um enfoque nos documentos acima citados.
- 2) Buscando assessores habilitados.
- 3) Envolvendo as Escolas na partilha de experiências.

Quem deve participar:

- 1) Diretores e Formadores de Escolas Diaconais.
- 2) Bispos e presbíteros assessores das Comissões Regionais e Diocesanas de Diáconos.

Organização:

- 1) Comissão Nacional dos Diáconos - CND, pela Equipe Nacional de Assessoria Pedagógica - ENAP
- 2) Comissão Episcopal Pastoral para os Ministérios Ordenados e a Vida Consagrada da CNBB - CMOVC.



CND divulga o Planejamento de 2016

•COMISSÃO NACIONAL DE DIÁCONOS

•Reunião do Conselho Consultivo

(de 03 a 04 de junho de 2016, em Palmas, Tocantins)

Tem por objetivo:

- 1) Consolidar a comunhão entre os Regionais.
- 2)Levar as CRD a colaborarem na execução dos projetos votados em Assembleias e outros programados durante o período de gestão, com o apoio das respectivas assessorias.
- 3) Preparar a Assembleia não eletiva de 2017.

•Justificativa:

A união fortalecida por esta reunião do Conselho Consultivo será incentivo aos diáconos para trabalhos em conjunto nas diferentes realidades sociais e caritativas do Brasil nas ações transformadoras de justiça.

•Estratégias:

- Encorajando os membros do Conselho para enfrentar os desafios apresentados nas várias situações dos seus Regionais.

•Quem deve participar:

- 1) Diretoria da Comissão Nacional dos Diáconos - CND
- 2) Presidentes ou representantes das Comissões Regionais dos Diáconos - CRDs.
- 3) Bispo referencial da CND.
- 4) Presbítero Assessor da CMOVC.
- 5) **Quando convocados pela diretoria:** membros da ENAP - Equipe Nacional de Assessoria Pedagógica; ENAC - Equipe Nacional de Assessoria de Comunicação; Conselho Fisco

•Fonte: <http://www.cnd.org.br/noticias/1358-cnd-divulga-o-planejamento-de-2016>



Jornal Caminhando – Diocese de Nova Iguaçu

Reproduzimos nesta edição do Diacônio a matéria publicada pelo Jornal Caminhando da Diocese de Nova Iguaçu,, (292ª Edição: FEVEREIRO de 2016)

Fonte: <http://www.mitrani.org.br/caminhando.html>

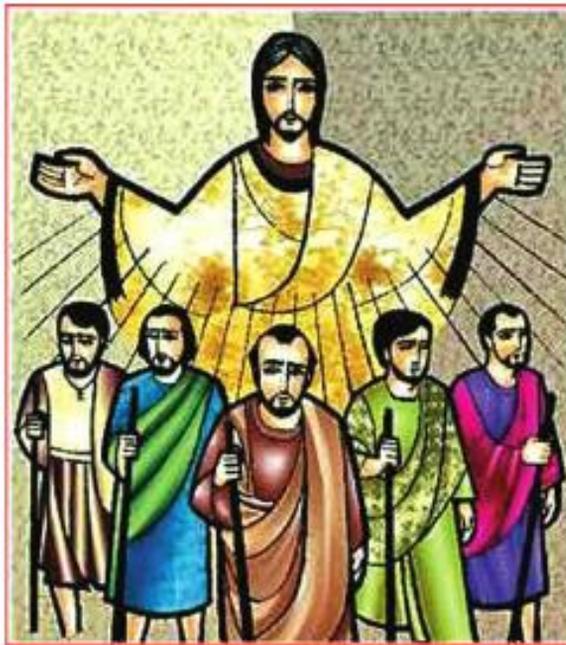
DIÁCONOS: SERVOS DA MISERICÓRDIA?

Diaconato Permanente

Se sempre afirmamos que os diáconos são ministros da caridade, podemos e devemos também afirmar que são mensageiros, anunciadores, portadores, facilitadores da **misericórdia de Deus** para os homens e mulheres desse tempo de mudança de época. São eles chamados a ver a vida com olhar samaritano, de quem socorre e cura as feridas dos abandonados, excluídos e ignorados em sua miséria e sua dor.

Sempre, e em especial neste **Ano Santo**, os diáconos são chamados a ser misericordiosos com os que precisam de misericórdia devido às situações de pobreza, miséria, desemprego, violência, marginalização e exclusão, mas também dos que precisam de **misericórdia** porque moralmente perdidos e condenados por sistemas morais que os consideram pecadores, proscritos, perdidos, desgraçados, malditos, "endemoniados": prostitutas, mães solteiras, homossexuais, aidéticos, recasados, divorciados ou de uniões homoafetivas. Precisam ter compaixão por toda criatura, amor à criação ferida e ameaçada, ajudando o ser humano, - no espírito da "**Laudato Si**" - e no cuidado da casa comum, a ser guardião da natureza, que "*geme em dores de parto*".

Assim como todos nós, mas eles por vocação sacramental deverão ser "misericordiosos como o Pai



do céu é misericordioso", atentos e atentos aos que precisam da nossa e da **misericórdia** divina. Rostos sofredores que Aparecida, assim como Puebla, nos mostraram: indígenas e afro-americanos feridos em sua dignidade e direitos; mulheres excluídas por questões de raça, sexo, gênero ou situação econômica; jovens com educação de baixa qualidade, sem possibilidade de entrar no mercado de trabalho ou de constituir família; pobres; migrantes; desalojados; sem-terra; crianças submetidas ao trabalho escravo, à prostituição infantil e ao aborto; dependentes de drogas; deficientes físicos, portadores do HIV e outras enfermidades graves; vítimas do

tráfico humano, da violência, do terrorismo, do conflitos armados na cidade e no campo; da insegurança urbana; idosos rejeitados pela família, presidiários em situação desumana...

Tende, Senhor, misericórdia de nós e do mundo inteiro

Nunca é demais ressaltar que felizes, bem-aventurados são os misericordiosos. Eles alcançarão **misericórdia**. Isto para nos lembrar que não vamos levar **misericórdia** a sofredores e pecadores, porque somos bons, justos, santos, irreprensíveis. O **Ano Santo da Misericórdia** é também para nós, ministros servidores do Senhor e dos irmãos e irmãs. Também nós clamamos: "**Tende compaixão de nós, Senhor, porque somos pecadores. Manifesta, Senhor, a vossa misericórdia e dai-nos a vossa salvação**".

Imploremos todos a **misericórdia** de Deus, para que sejamos fiéis portadores da sua compaixão e do seu perdão. Sejamos agradecidos porque por seu sofrimento, sua dor, sua paixão Jesus nos redimiu de nossos pecados, nos deu o seu perdão e Nele e por Ele fomos salvos e libertos.

Que nossos diáconos: servos da **misericórdia**, no exercício da diaconia da caridade sejam arautos e artífices do anúncio e da prática deste ano da graça do Senhor, ano santo, ano de bênção e de perdão.

Comissão Diocesana dos Diáconos

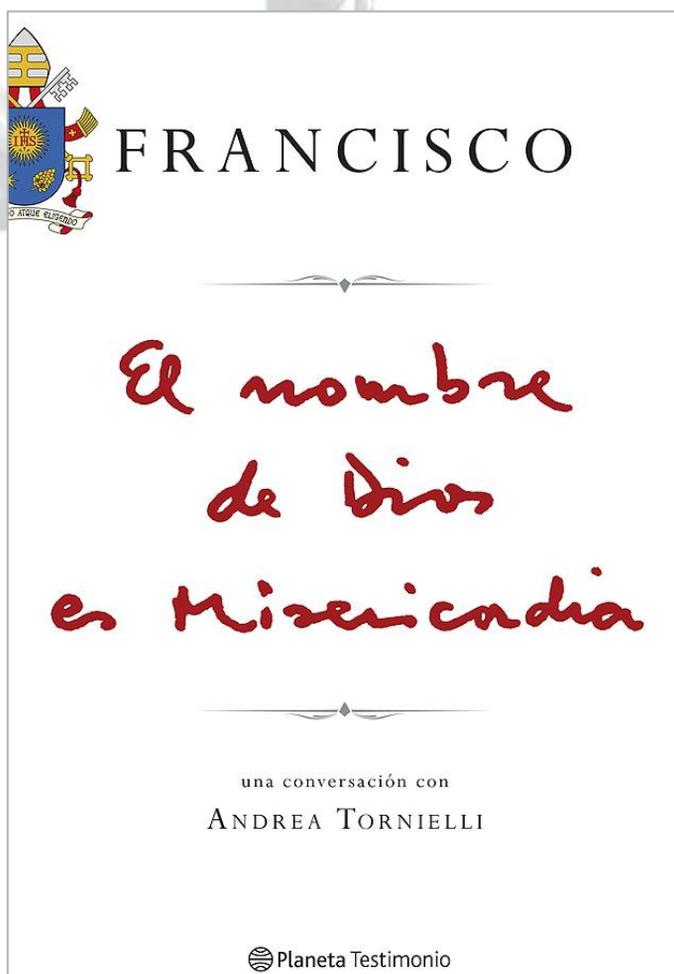


Vaticano: Novo livro do Papa chega às bancas

•“O nome de Deus é misericórdia” é o título do livro, fruto de uma entrevista do Papa ao vaticanista Andrea Tornielli

•*Da Redação, com Rádio Vaticano e Agência Ecclesia*

•A misericórdia é a “carteira de identidade” de Deus, assim diz o Papa Francisco no livro-entrevista “O nome de Deus é misericórdia”, que se encontra a partir desta terça-feira, 12, nas livrarias italianas e em 86 países. A publicação relata uma entrevista do Pontífice ao jornalista vaticanista Andrea Tornielli, do cotidiano “La Stampa” e coordenador do site “Vatican Insider”.



•Dividido em nove capítulos e 40 perguntas, o livro – editado pela Piemme – tem a capa autografada por Francisco. A primeira cópia do volume, em italiano, foi entregue ontem à tarde ao Pontífice, na Casa Santa Marta.

•A entrevista foi concedida em julho de 2015, após a visita do Papa à América Latina (Equador, Bolívia e Paraguai). Francisco recebeu o jornalista Tornielli na Casa Santa Marta, munido da Bíblia e de citações dos Padres da Igreja. A misericórdia foi o tema da conversa,



•tendo em vista o Jubileu extraordinário que seria aberto cinco meses depois. Os frutos desse diálogo estão no livro lançado hoje.

•Oração, reflexão sobre os Papas precedentes e uma imagem da Igreja como “hospital de campanha” que “aquece os corações das pessoas com a proximidade”. Esses são os três fatores, explica o Papa, que o levaram a instituir um Jubileu da Misericórdia.

•“A Igreja não está no mundo para condenar, mas para permitir o encontro com o amor visceral que é a misericórdia de Deus”, refere Francisco, na entrevista ao vaticanista italiano.

•Num dos trechos da obra, divulgado pela Rádio Vaticano, Francisco diz que também o Papa é alguém com “necessidade da misericórdia de Deus” e revela ter uma relação especial com os presos.

•“Tenho um especial carinho pelos que vivem na prisão, privados da liberdade. Fiquei muito ligado a eles, por esta consciência do meu ser pecador”, explica, acrescentando que não se sente “melhor” do que aqueles que estão à sua frente.

•Missão da Igreja no mundo

•O Papa apresenta a sua visão sobre a missão da Igreja no mundo, sublinhando que quando “condena o pecado” o faz porque “deve dizer a verdade”. Ao mesmo tempo, no entanto, “abraça o pecador que se reconhece como tal, aproxima-se dele, fala-lhe da misericórdia infinita de Deus”, à imagem de Jesus, que “perdoou mesmo os que o crucificaram”.

•“Seguindo o Senhor, a Igreja é chamada a derramar a sua misericórdia sobre todos os que se reconhecem como pecadores, responsáveis pelo mal que fizeram, que sentem necessidade do perdão”, observou.

•O Ano da Misericórdia

•Em relação ao Ano Santo extraordinário que convocou, o Jubileu da Misericórdia (dezembro de 2015-novembro de 2016), Francisco espera que a iniciativa permita fazer emergir um rosto cada vez mais materno da Igreja.

•O Papa convida as comunidades católicas a “sair das igrejas e das paróquias” para ir ao encontro das pessoas, onde elas vivem, “sofrem e esperam”.

•“A Igreja em saída tem a característica de surgir no local onde se combate, não é a estrutura sólida, dotada de tudo”, mas um “hospital de campanha” no qual se pratica uma “medicina de urgência”.

•Nesse sentido, deseja que o jubileu extraordinário “faça emergir cada vez mais o rosto de uma Igreja que redescobre as vísceras maternas da misericórdia e que vai ao encontro de tantos feridos necessitados de escuta, compaixão, perdão, amor”.

•A tradução portuguesa, que inclui a Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, é editada pela Planeta.

•A obra é apresentada numa sessão em Roma, com a presença do autor, Andrea Torielli, e do ator e realizador italiano Roberto Benigni, com quem o Papa se encontrou esta segunda-feira, juntamente com Zhang Agostinho Jianqing, um preso chinês na Itália que se converteu ao catolicismo.

•Fonte: <http://papa.cancaonova.com/lancado-livro-entrevista-do-papa-francisco-sobre-misericordia/>



DIACÔNIO

Informação

Informando sobre a contribuição de cada Diácono para CRD Leste-1 e CND

A Assembleia Geral de Diáconos, ocorrida em Itaiaci em fevereiro de 2003, estabeleceu como **meta** para a diretoria nacional, entre outras, a necessidade de prover recursos suficientes para a manutenção da CND.

A Diretoria Regional está levantando também diversas possibilidades para angariar fundos de modo a viabilizar a continuidade dos trabalhos e participação do Regional Leste 1 nas suas atribuições e participação nos Eventos Convocatórios da Comissão Nacional dos Diáconos.

Dependemos, exclusivamente, das contribuições dos diáconos de toda regional, que devem ser depositadas na conta corrente abaixo e o comprovante enviado para o Tesoureiro para controle dos pagamentos. **Ratificamos que a contribuição por diácono é de 2% sobre o salário mínimo/mês.**

Os valores deverão ser depositados na Conta da CRD cujos dados são os seguintes:

Banco Mercantil do Brasil - Conta Corrente: 02013194-0 - Agência: 0044

FAVORECIDO : MITRA DIOCESANA DE NOVA IGUAÇU - CNPJ.: 28666428005741

VALOR ANUAL por diácono: R\$ 176,28 = sendo 50% para CRD e 50% para CND.

- Efetuar depósito mensal (até o dia 10 do mês seguinte)

Envie comprovante de pagamento p/ Diac. Jorge Francisco Jorge (jorgefjorge@bol.com.br)
Tesoureiro)

Para Identificação dos Diáconos das Dioceses a cada depósito deverá ser **acrescido ao valor depositado os centavos de acordo com a Codificação abaixo:**

Rio de Janeiro = XX,10	Petrópolis = XX,50
Ord. Militar = XX,15	Caxias = XX,60
Niterói = XX,20	Nova Iguaçu = XX,70
Campos = XX,30	Itaguaí = XX,80
Adm. Apostólica = XX,35	Volta Redonda B.Pirai = XX,90
Nova Friburgo = XX,40	



•Receita de Lasanha aos quatro queijos

•Ingredientes

- 500 g de massa de lasanha cozida
- 250 g de mussarela em fatias
- 3 colheres de sopa de manteiga
- 2 colheres de sopa de farinha de trigo
- 3 xícaras de chá de leite
- 50 g de queijo gorgonzola esfarelado
- 100 g de queijo provolone ralado
- 50 g de queijo parmesão ralado
- 1 lata de creme de leite



•Modo de Preparo:

Prepare o molho: em uma panela, doure a farinha com a manteiga. Espere amornar. No liquidificador, bata a mistura de farinha e manteiga, o leite, o gorgonzola, o provolone, o parmesão e o creme de leite. Transfira para uma panela e leve ao fogo brando, mexendo sempre até engrossar. Em um refratário, alterne camadas de massa, molho e mussarela. Termine com molho, polvilhe queijo parmesão e leve ao forno, preaquecido, a 200 °C até derreter o queijo e dourar

•Fonte: <http://revistasaboresdosul.com.br/8-receitas-com-queijo/>